II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES
Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares
28, 29 e 30 de abril de 2011
MARINGÁ - PR
UEM Universidade Estadual de Maringá
ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Educação Física Escolar e Gênero: As Diferenças entre meninos e meninas nas maneiras de participar das aulas.

Juliana Fagundes Jacó- Licenciada em Educação Física e Mestranda na Faculdade de Educação Física- UNICAMP; Professora da Rede Estadual de São Paulo, participante do grupo de pesquisa "Corpo e Educação.

Helena Altmann- Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e coordenadora do grupo de pesquisa "Corpo e Educação".

Resumo

Nas aulas de educação física, é comum as meninas se considerarem menos aptas e até mesmo desencorajadas a participarem das atividades de aula. A construção cultural dos sentidos do corpo é diferente entre meninos e meninas e esta atribuição de valores e sentidos às diferenças percebidas pelos sexos influencia também nos sentidos que alunas e alunos atribuem às aulas de educação física e na maneira como interagem com a aula. Está pesquisa busca compreender o que afasta parte das (os) adolescentes das aulas de educação física e, sabendo que a não participação das meninas é maior que dos meninos, analisará a partir dos referenciais dos estudos de gênero os motivos que influenciam em uma participação menor das meninas nas aulas. Para isso, discutirá dados coletados através de observações e entrevistas semi-estruturadas com alunas (os) de escolas públicas de Campinas-SP.

Palavras Chave: Educação Física, Gênero, participações.

Inicio de Conversa

A Educação Física Escolar, como as demais disciplinas escolares, possuí sua especificidade, ou seja, conhecimentos específicos que justificam a sua presença na escola. "Entendemos que a Educação Física escolar deva tratar pedagogicamente de conteúdos culturais relacionados ao movimentar-se humano" (São Paulo, Secretaria da Educação, 2010, p. 180) Estes conteúdos partem da idéia de que: a cultura em que as pessoas estão

inseridas também determina e desenvolve os movimentos realizados por essas pessoas, sendo assim, o corpo e seus movimentos são construídos culturalmente. Pensando na perspectiva cultural da Educação Física, temos também outros autores que apresentam que ela deve :

> desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (SOARES et al, 1992, p. 38) .

Tais discussões fundamentadas nas ciências humanas passaram a ser discutidas na Educação Física somente a partir da década de 80. Até então, as concepções de corpo que sustentavam as práticas da Educação Física Escolar pautavam-se apenas em concepções médicas e biológicas, na quais se entendia, entre outras coisas, que a Educação Física deveria contribuir para a formação de homens saudáveis, fortes e cuidar para que as mulheres não tivessem sua função da maternidade comprometida. Baseado nisso, atividades diferentes eram propostas para homens e mulheres, o que justificava inclusive a separação de turmas femininas e masculinas.

A separação de turmas se dava tanto pelas diferenças biológicas que explicavam e justificavam as diferenças nas capacidades físicas e habilidades corporais, como pelo aparato legal que, baseado nestas diferenças, legitimava a idéia de quais atividades eram possíveis para as mulheres e quais deveriam ser estimuladas para cada gênero.

> Em concordância com essa análise, no âmbito da prática corporal prevaleciam as restrições; tanto é que de 1941 a 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199, que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que colocava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza”. (ALDEMAN, 2003, p. 447).

Ainda de acordo com a autora:

> as práticas físicas permitidas se restringiam àquelas que se conciliavam com as idéias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. Houve um receio grande em relação ao exercício físico para as meninas (ALDEMAN, 2003, p. 446)

É a partir do movimento surgido na década de 1980 para repensar a Educação Física Escolar que aos poucos as aulas passam a ser mistas. Várias estratégias docentes passam a ser pensadas para esse novo modelo de aula, na qual meninos e meninas compartilham o mesmo espaço e tempo de aula. No entanto, diversas pesquisas apontam as dificuldades dos professores e professoras nas tentativas de possibilitar a co-educação nas aulas de educação física (Souza Jr & Darido 1995; Darido 1999; Jesus e Devide 2006; Louzada, Votre e Devide 2007), muitas vezes *fruto de uma formação inadequada e da própria história de vida desses professores marcada pela separação por sexo*. (Souza Jr, p. 10, 2003)

Além das dificuldades enfrentadas por professores e professoras, as diferenças nas participações de meninas e meninos nas aulas de educação física é comumente apontada em pesquisas que dizem haver uma diferença significativa entre estudantes do sexo masculino e do sexo feminino quanto ao interesse em participar das aulas de Educação Física

> é comum observar adolescentes do sexo feminino recusarem-se a participar das aulas de Educação Física na escola, pois seus corpos são preparados e educados para a dependência e submissão, aliados ao ideal de feminilidade. (SOUZA Jr, 2003. p.49).

Em nossa sociedade, desde o nascimento o menino já é incentivado às práticas esportivas (principalmente o futebol), ganha chuteiras, bolas e é incentivado a brincar livremente na rua. Já as meninas, sempre são cercadas de delicadeza e incentivadas a ficarem em casa ajudando nos afazeres domésticos. Além disso, desde muito pequenas as meninas aprendem a usar sandálias de salto e saias que as fazem caminhar com suavidade e sentar com cuidado, enquanto os meninos usam bermudas e tênis. Estas diferenças proporcionam experiências corporais mais limitadas às meninas do que nos meninos.

Esses padrões culturais de conduta do que é tido como feminino e masculino influenciam também as ações de alunas e alunos em todo percurso escolar, pois a diferenciação de meninas e meninos implica no "*ensino/ aprendizagem de valores,*

conhecimentos, posturas, movimentos corporais, 'apropriados' a cada sexo." (SOUSA, 1999, p.17). Esse ensino/aprendizagem vai compondo diferenciações entre os gêneros.

Essa distinção no ensino/ aprendizado entre meninas e meninos que acarreta em possibilidades corporais diferenciadas vai promovendo gostos, interesses e formas de alunos e alunas se apropriarem das aulas de Educação Física que pode, inclusive, promover a não participação.

Rogério Cruz Oliveira (2006, p. 9) em sua pesquisa de mestrado, que teve como objetivo: "*compreender como as diferenças são significadas e representadas pelos 'atores sociais' que compõe o universo simbólico das aulas de Educação Física*", encontrou alguns alunos e alunas (de 8ª série do ensino fundamental), sempre os mesmos, que nunca participavam das aulas que ele acompanhou. Segundo o pesquisador,:

> o fato da não participação na aula dava-se, principalmente, pela vergonha da exposição. Meninas e meninos tinham vergonha de praticar a aula, fosse por características físicas- que pelas próprias transformações morfofuncionais da adolescência começavam a ficar evidentes- ou pela auto avaliação que não 'levam jeito' para o esporte (OLIVEIRA, 2006, p. 50).

Kleber Donizetti Almeida (2003), em sua monografia sobre o interesse de alunos de 7ª série pelas aulas de Educação Física, também nota um grupo de alunos e alunas que nunca participava das aulas. Raquel S. Pereira e Evando C. Moreira (2005) analisam a participação de turmas de Ensino Médio de duas escolas públicas da cidade de São Paulo, totalizando 446 alunos/as. Observou-se na pesquisa que em 46% das aulas observadas não houve participação de todos os alunos/as, sendo considerado não participante quem estava de fora das atividades propostas por professores e professoras. Em 37,6% desse total de aula que não houve participações ela já se dava logo no inicio, com grupos sendo formados nas arquibancadas.

Foi este mesmo incomodo provocado pela percepção de que alunas e alunos vão deixando de participar das aulas de educação física com o passar dos anos escolares que me motivou a realizar a pesquisa que originou minha monografia de final de curso (JACO, 2008). Na pesquisa, com o objetivo de entender porque muitos/as alunos/as deixam de participar das aulas de educação física, entrevistei alunos e alunas de sétimas e oitavas séries de quatro escolas públicas na cidade de Campinas-SP. Esta pesquisa buscava ouvir

alunos e alunas que estivessem de fora das atividades propostas para a aula no intuito de identificar os motivos que os/as afastavam da aula. Foram entrevistados no total 82 adolescentes de quatro escolas diferentes e em cada escola observou-se três turmas de 8ª séries e três turmas de 7ª séries. Portanto, houve uma variedade de 24 turmas participando da pesquisa, sendo 12 turmas de 7ª série e 12 turmas de 8ª série, com aulas ministradas por seis professores/as diferentes.

As justificativas apresentadas por esses(as) alunos(as) para não estarem participando das atividades de aula foram as seguintes: 37 responderam com argumentos ligados à questões pessoais (Não saber jogar, sentirem-se constrangidos por não saber jogar e com isso outros alunos reclamam, Não tem vontade/ motivação, não gostam de vestir o uniforme exigido para a aula), 21 responderam com questões ligadas à metodologia da aula (Não gostam das atividades propostas e de como são propostas, não tem o que fazer – aulas não diretivas, não tem mais vaga nos times que estão jogando, entre outros); 12 responderam não participar por terem atestados de saúde que os/as impossibilita de participar da aula; 07 responderam questões ligadas aos grupos (o grupo de amigos/as está de fora da atividade, não se dá bem com o grupo que participa) 03 responderam não gostarem da postura do professor/a e 03 responderam não participar porque a quadra é descoberta e não querem ficar no sol.

Vê-se que vários fatores podem contribuir para que alunos e alunas sejam colocados às margens da aula de educação física. Várias pesquisas também apontam a relação entre a não participação com o conteúdo que é proposto nas aulas. Além disso, muitas vezes as aulas são organizadas de maneira que não favorecem situações de aprendizagem, somente a prática de uma modalidade esportiva ou jogo. Nestes casos, alunos e alunas que não se sentem satisfeitos ou seguros quanto às suas habilidades acabam afastando-se das atividades, pois não se sentem capazes de realizá-las (Rangel-Betti, 1995). Nestes casos os professores acabam sendo apenas zeladores do espaço e material de aula, pois suas funções se restringem a oferecer as bolas para as atividades escolhidas por alunos/as e cuidar para que os jogos ocorram bem – sem brigas, seguindo as regras.

Também se percebe que, apesar de várias pesquisas apontarem sobre os motivos da não participação e que este problema afeta tanto meninas e meninos, é significativamente maior o número de meninas que deixam de participar da aula. Dados obtidos na minha

pesquisa de monografia supracitada mostram que das 82 pessoas entrevistas, 67 eram meninas e 15 meninos.

A pesquisa.

A discussão aqui apresentada é a parte inicial de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo compreender o que afasta muitos/as adolescentes das aulas de Educação Física. Considerando que diversas pesquisas têm mostrado que a não participação é maior entre as meninas do que entre os meninos, está pesquisa buscará estabelecer relações entre as diferentes formas de não participação e questões de gênero. Através desta pesquisa, buscaremos analisar questões como: os conteúdos propostos nas aulas reforçam estereótipos e influenciam a não participação de meninos e meninas? Quais são os referenciais sobre feminino e masculino que predominam nas aulas de educação física? Estes referenciais interferem na participação dos alunos e alunas nas atividades? Para isso, utilizará dados obtidos em entrevistas e observações em quatro turmas diferentes de 8º. ano de duas escolas públicas de Campinas-SP.

A discussão que se segue é baseada nas observações e entrevistas iniciais em duas turmas de 8ºano de uma escola pública de Campinas-SP.

Diferentes modos de participar ou de não participar.

A escola observada apresenta uma realidade nova perante o que eu já havia observado em outras escolas. As aulas de educação física ocorrem em um pátio em que a maior parte do tempo fica na sombra. A quadra está desativada, pois após uma obra para cobri-la, o piso ficou disforme, impossibilitando sua utilização como espaço de aula já que oferece riscos de acidentes aos alunos/as. As aulas são ministradas por uma professora recém-formada em uma Universidade Pública.

Ao primeiro olhar, uma tive uma surpresa, não encontrei o que esperava para minha pesquisa, pois todas/os alunos/as estavam em atividade durante a aula de educação física. Ou seja, parecia não haver não participação. Isso parecia ocorrer independente da atividade, fosse um circuito de habilidades de modalidades esportivas, ou um jogo de

queimada, fosse em aulas teórico/expositivas sobre primeiros socorros. Então quer dizer que todos/as participam da aula?

Um olhar mais atento começa a apontar outra coisa, uma sutileza que o olhar mais rápido não vê: o detalhe dessa realidade. Será que o fato de a totalidade de alunas/os estar presente na atividade é sinônimo de todas e todos estarem de fato participando da atividade. Aos poucos, as observações mostraram que não. Apesar de todos/as estarem presentes nas atividades, a maior parte das meninas não participa de fato das atividades, não se envolvem e acabam sendo "figurantes"na aula.

Durante um jogo de queimada, isso se tornou mais evidente: Durante o jogo, as equipes, que eram mistas, ficaram divididas ao meio. Geograficamente em um lado do campo, os meninos e do outro, as meninas. Essa cena demonstra que os alunos e alunas "pareciam incorporar, no sentido de tornar parte de seus corpos, as fronteiras que o "aparato de gênero" visa produzir em nossa sociedade." (Fernades, 2010, p. 104). Além disso, as meninas mal se mexiam, pois a bola ficava a maior parte do tempo em posse dos meninos e eles somente tentavam queimar os meninos. As meninas ficavam em quadra, mas somente para fazer volume, os meninos nem mesmo olhavam para elas para tentar queimá-las. Quando algum menino mirava em uma das meninas, na primeira tentativa ela era queimada e ia ao cemitério, onde continuava a observar o jogo animado entre meninos. Os meninos se jogavam no chão, corriam atrás da bola, brigavam, tentavam infringir as regras negavam quando haviam sido queimados isso até a professora intervir dando o veredito se havia queimado ou não. As meninas, por sua vez, soltavam alguns gritos como que demonstrando medo, não buscavam a bola, não infringiram as regras e se diziam que elas haviam sido queimadas, aceitavam tranquilamente.

Esse foi o perfil encontrado na maior parte das aulas observadas. Durante um circuito de atividades em que a turma foi dividida em três grupo mistos e cada grupo deveria fazer uma seqüência de atividades que eram: um a um conduzir uma bola de futebol com os pés entre cones e no final chutar a gol; andar quicando a bola de basquete entre cones; fazer uma roda para toques de vôlei e cortar a bola em direção à uma das pessoas da roda, as meninas acabavam executando uma ou duas vezes a atividade e sempre iam deixando os meninos passarem em sua frente nas atividades que exigiam fila. Quando deveriam trocar de atividade no circuito elas iam andando calmamente, ficavam para o fim

da fila, enquanto os meninos corriam, ficavam no começo da fila e já pegavam a bola para iniciar a atividade sem perder tempo.

No geral, essas meninas, assumiram uma postura passiva diante das atividades e por isso, não tiveram as mesmas oportunidades de aprendizado que os meninos, uma vez que executaram as atividades menos vezes. Além disso, durante as atividades mistas foi possível ver o predomínio do binarismo do que é tido como feminino e masculino. As meninas cabiam demonstrarem-se frágeis, sensíveis, não habilidosas enquanto os meninos demonstravam força, agilidade, virilidade. Ou seja, durante a atividade, são vivenciados por alunos e alunas várias das características culturalmente e historicamente atribuídas aos homens e mulheres.

Durante a maior parte dos momentos livres das aulas as meninas jogavam vôlei entre si ou com alguns poucos meninos, porém sempre eram maioria na atividade. Nestas ocasiões demonstravam habilidades, corriam, pegavam a bola, “cortavam”. Ou seja, quando não se sentiam em uma situação controlada e formal de aula demonstravam habilidades que em outros momentos pareciam nem ao menos existir.

Durante entrevista com algumas das meninas que ficavam de isoladas no jogo e quase sem interagir com a atividade foi questionado se elas gostavam da aula de educação física e qual a atividade que elas mais gostavam. Todas disseram gostar da aula e de cinco garotas entrevistadas, três disseram justamente ser o jogo de queimada o que mais gostavam, ou seja, mesmo não tendo participação no jogo, ficando de lado, esquecidas, elas dizem gostar da atividade.

A partir disso e das observações, podemos pensar que ao assumir o perfil passivo, as meninas verificaram uma das possibilidades de alcançar sucesso na trajetória escolar, assumindo posturas obedientes, não questionadoras, que respeitam as regras e com isso uma valorização, por exemplo, por parte da professora. Esta que sempre reclama da postura rebelde dos meninos, da bagunça e do excesso de conversa.

Também é possível pensar que durante a atividade dirigida e mista as meninas se vêem em possibilidade de atingir a expectativa do que se esperam delas, ou seja, demonstrarem-se a partir dos valores que permeiam o universo feminino: a fragilidade, a passividade, a delicadeza. Condutas que estão justamente sendo valorizadas pela turma,

pela escola e pela professora. Talvez, por isso elas dizem gostar do jogo, pois é justamente o momento que conseguem demonstrar aquilo que é valorizado no grupo e esperado delas. Assim, da mesma forma, a aula se torna o espaço em que os meninos utilizam para representar os valores de masculinidades e se firmarem perante o grupo.

Simone Cecília Fernandes (2010) também observa em sua pesquisa de mestrado que quando crianças de 4ª. série não estavam em situações que imperam o controle e normas da escola, elas se comportavam de maneira diferente quanto aos termos fronteiriços de gênero. Sendo assim, quando estão em situações que não há controle das normas predominantes na escola, ou mesmo nas atividades competitivas da aula de educação física alunas/os podem comportar-se de maneiras diferentes.

Essa mudança no comportamento das meninas quanto ao uso de suas habilidades fora das atividades formais, demonstram que as habilidades corporais são constituintes dos padrões de normatização do feminino e masculino. Em situações em que estão sob a vigilância dos aparatos de gênero vigente nas normas escolares e do grupo que estão inseridas, as meninas podem alterar seu comportamento.

Após os jogos propostos nas aulas, a professora costuma realizar uma roda e conversar sobre a atividade com os alunos/as, neste momento costumava perguntar quais táticas que as equipes desenvolveram e sobre outras percepções que tiveram da atividade, porém essas conversas são conduzidas sem questionar ou citar a participação desigual entre meninos e meninas. Fica notável que em nenhum momento a professora questiona esse fato ou dá espaço para essa questão. Assim sendo, também não há nestas conversas nenhuma reclamação das meninas quanto sua menor ação nas atividades.

Em determinado momento de uma destas conversas questionei as equipes se todos participaram igualmente. Em um primeiro momento o silêncio. Como se um ponto incomodo tivesse sido trazido à tona e depois o alvoroço e algumas meninas começaram dizer que não, que não tinham tocado na bola e que os meninos centralizaram o jogo, não davam a bola para elas, pegavam a bola antes delas etc.

Por isso, essa passividade das meninas não é totalmente espontânea, pois na primeira oportunidade de falar sobre a desigualdade de participação elas se manifestaram, opinaram e mostraram certo incomodo com a situação, porém não apresentaram nenhuma

proposta para mudar tal fato, ficaram apenas reclamando. No entanto, há exceções e essas se apresentaram na figura de duas meninas. Essas duas garotas de uma das turmas observadas, durante todo o jogo de queimada, por exemplo, interagiram ativamente. Elas arremessavam, esquivavam-se, tornaram-se alvo das tentativas dos meninos em queimá-las, ou seja, buscaram conquistar seu valor dentro do grupo de outra maneira, através das habilidades para o jogo. Pensando nisso:

> Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas (SOUSA, ALTMANN, 1999)

Sendo assim, o simples fato de serem mulheres não faz com que as meninas das turmas observadas fossem excluídas das atividades ou ficassem de figurantes, mas o repertório de aprendizado diferenciado ao longo da vida para meninas e meninos muitas vezes proporciona níveis de habilidades diferenciados. Pois, de fato, mesmo quando demonstraram habilidades em atividades livres, a maioria das meninas apresentou um desempenho abaixo dos meninos. Porém, durante as atividades de aula, muitas vezes, para assumir uma postura fragilizada, as meninas utilizaram-se menos ainda de suas habilidades no jogo, tornando ainda maior essa diferença.

Muitas vezes naturaliza-se a diferença de habilidades entre meninos e meninas, as diferenças de condutas ativas e passivas de meninos e meninas. Durante as aulas de educação física as meninas ficarem de canto, tocarem menos na bola, não reclamarem foi tido como normal. Meninas não participarem das atividades de aula acaba sendo o esperado. Enquanto o oposto é esperado para os meninos. E isso se dá de tal maneira que muitas vezes esses papéis são reforçados durante a aula tanto pela falta de interferência da professora como pelas próprias alunas e alunos envolvidas/os.

Considerações.

Percebe-se que é importante que como professoras e professores de Educação Física estejamos atentas/os para as relações que se estabelecem durante nossas aulas. O fato de meninas e meninos estarem juntos no mesmo espaço, na mesma atividade não garante que de fato todas e todos estejam participando igualmente e tendo as mesmas

oportunidades de aprendizado, pois a maioria das meninas acabam simplesmente estando como Figurantes nas atividades. Sendo assim, muitas vezes a aula acaba sendo um momento de reafirmação dos estereótipos de gênero e não um espaço para a reflexão e construção de novas possibilidades de entender o gênero e seus atributos.

Além disso, perceber que em alguns momentos mais livres, aonde escolhem suas práticas, seus grupos de pares, as alunas podem assumir uma postura diferente da passividade dominante nas aulas propostas nos mostra que as fronteiras de gênero não são rígidas e que as configurações das normatividades de gênero podem ser reiteradas, repudiadas ou transformadas no cotidiano escolar, dependendo das relações que se estabelecem.

Referências bibliografias

ALDEMAN, M. Mulheres Atletas: Re-significações da corporalidade feminina. Revista **Estudos Feministas,** Florianópolis, 11(2): 445-465, julho-dezembro/2003

ALMEIDA, K. D. **O interesse de alunos de 7ª série do Ensino Fundamental pela disciplina de Educação Física. (**Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2003.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões.** Araras, SP: Gráfica e Editora Topázio, 1999.

FERNANDES, S.C. “Cadê a bola, dona?”Ou sobre os significados de gênero nas aulas de educação física. in: DAOLIO, J. (Coord.) **Educação Física escolar: Olhares a partir da Cultura**/ GEPEFIC, Campinas: Autores Associados, 2010.

JACÓ, J. F. **Educação Física e Adolescência: “Professor, não vou participar da aula!”** (Trabalho de Conclusão de Curso)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2008.

JESUS, M. L. & DEVIDE, F. Educação Física, co-educação e gênero: Mapeando representações de discentes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006

LOUZADA, M. & VOTRE S. & DEVIDE, F. Representações docente a cerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007

OLIVEIRA, R. C. **Educação física, escola e cultura: O enredo das diferenças.** 2006. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2006

PEREIRA, R.S.; MOREIRA, E.C. R. Participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: Algumas considerações**. Revista Educação Física/UEM Maringá**, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2. sem. 2005

RANGEL-BETTI, I. C. Educação Física escolar: a preparação discente. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas: 16 (3):158-167 Maio/1995.

SÃO PAULO-SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/ Secretaria de Educação**- São Paulo: SEE, 2010.

SOARES, C. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992

SOUSA, E. S. de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas: UNICAMP, 1994. (Tese, Doutorado em Educação).

SOUSA, E.S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes,** ano XIX, nº 48, Pp.52-69 Agosto/99

SOUZA JR,O. M de. **CO-EDUCAÇÃO, FUTEBOL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. (Mestrado em Educação Física)- Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro 2003.

SOUZA JR, O. M & DARIDO, S. C. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Motriz** Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, pp.1-9